

A PANELA AO LUME



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Uns saltimbancos tinham acampado num bosque. Era um pobre casal com filhos ainda pequenos. Fizeram uma fogueira, puseram uma panela de água em cima, com batatas e feijões, mas como a água não levantasse fervura para cozer a sopa, o homem foi procurar, ao redor, uns cavacos e umas pinhas, com que aticasse mais o lume. Ficou a mulher só com os pequenos, que dormiam. Atraído pelo cheiro do cozinhado, apareceu um lobo. Era inevitável. Nestas histórias, está-se sempre à espera que ele apareça... A mulher, ao princípio, não deu pelo lobo, que, devagarinho, se aproximava dos meninos. Quando ela o viu, susteve o grito e agarrou no panelão cheio de água e despejou-o em cima do lobo. A água não estava a ferver, mas pouco faltava.

O lobo fugiu, aos uivos. Serviu-lhe de emenda.

Por sinal que não serviu, porque, noutra ocasião, andava o saltimbanco sozinho, a colher amoras, para levar aos filhos, e apareceu o lobo, a cheirar-lhe os calcanhares.

O homem trepou a uma árvore, mas o lobo ainda lhe ficou com os fundilhos das calças nos dentes. De mal a menos.

O pior foi quando o lobo se pôs a chamar pelos outros da alcateia.

Vieram uns tantos. Como a árvore era das altas, os lobos colocaram-se em castelo, uns em cima dos outros. Quem os aguentava, em baixo, era o mais forte, o lobo que os chamara.

Ora o homem tinha reparado que a este lobo faltava pêlo nos lombos, como se estivessem a sarar de alguma queimadura. Isto lembrou-lhe o que a mulher lhe contara. Então gritou, num último alento de coragem:

– Ó Maria, traz a panela com a água ao lume.

Não havia Maria, não havia panela, não havia água, mas o lobo sentiu o grito como uma ameaça a arder e fugiu a sete pés. Os outros perderam o equilíbrio e estatelaram-se no chão. Fugiram também.

O homem, quando regressasse ao acampamento, já tinha que contar.

FIM